

XOKLENG: OS PRIMEIROS CONTATOS DOS BRANCOS COM OS INDÍGENAS DO VALE DO ITAJAÍ

Claudia Myrna de Lima Cabral*

Jorge Luiz Buerger**

Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI

RESUMO

No presente trabalho será discutida a história do povo Xokleng no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Como eles viviam, quais eram seus hábitos e costumes, e principalmente, como foi seu contato com os imigrantes. Buscou-se saber como foi o encontro dessas duas culturas (índios e brancos), se houve conflitos e por quais motivos se originaram, de que maneira isso terminou e como os Xokleng se encontram atualmente. Também serão abordados os motivos que levaram os imigrantes a virem para o Vale do Itajaí.

Palavras-chave: Povo xokleng. Imigração. Vale do Itajaí.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o povo Xokleng, que vive no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, habita as terras do Sul há muitos anos e que tiveram contatos com outros povos que viviam na mesma região como os Kaingang e os guaranis. Mas, esses contatos não tiveram tanta influência no seu modo de vida como foi o contato com o homem branco. Como a maioria das histórias dos povos indígenas no Brasil, esse contato com o homem branco transformou a vida dos Xokleng e nesse trabalho será relatado como foi esse contato e quais foram essas mudanças que ocorreram para esse povo.

Num primeiro momento será discutido

o significado dos costumes e hábitos dos povos Xokleng: suas comidas e como eles faziam para obtê-las, como era sua moradia e suas tradições. Depois será relatado como foram os primeiros contatos com os brancos que vieram para Santa Catarina e, logo em seguida, como foi o contato dos Xokleng com os imigrantes que vieram para o Vale do Itajaí. Sabe-se que foi nesse momento que o cotidiano dos Xokleng foi drasticamente alterado, pois suas terras foram reduzindo com o aumento de imigrantes que iam fixando residência nas terras catarinenses, havendo o estranhamento dos dois lados – imigrante e indígena – sobre seus costumes, seu modo de vida e a legitimidade que cada um tinha das terras que viviam.

* Acadêmica do Curso de História – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.

** Professor-Tutor Externo do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.

Será relatado também sobre uma figura que se tornou comum depois dos problemas que começaram a ocorrer entre os imigrantes e os Xokleng: o bugreiro. Depois dos colonos começarem a se preocupar com as invasões indígenas nas suas residências, eles começaram a usar os serviços do bugreiro que tinha como principal objetivo caçar e capturar índios. A partir daí, a vida dos xokleng foi profundamente modificada até chegar ao ponto que se encontra hoje.

2 O POVO XOKLENG

Nesse capítulo será relatado o modo de vida do povo Xokleng, vendo os seus costumes e tradições. Faz-se necessária um relato dos costumes dos xokleng e dos lugares em que eles viviam para poder compreender o que aconteceu com esse povo durante a vinda dos imigrantes para o Vale do Itajaí. Desse modo, pode-se entender o porquê dos conflitos ocasionados durante os contatos dos indígenas com os colonos.

Os Xokleng derivam do grupo linguístico macro-jê, formado também pelos Kaingang, “ambos ocupavam parte do território do Sul do Brasil, sendo que os primeiros habitavam a Serra do Mar desde as proximidades de Curitiba até Porto Alegre” (DAGNONI, 2012). Os Xokleng também são conhecidos como bugres, botocudos, xoklen, awikoma, entre outras denominações. De acordo com Santos (apud SOUZA, 2008 p. 56):

O termo bugre é usado no sul do Brasil para designar indistintamente qualquer índio. Sua aplicação tem conotação pejorativa, pois encerra noções de ‘selvagens’ e ‘inimigo’. Botocudo, outra designação dos Xokleng foi termo decorrente da utilização de enfeite labial – tembetá – por parte dos membros adultos do sexo masculino. Até certo ponto, o termo também encerra conotações negativas, embora os índios costumem aceitar essa identificação, ao serem interrogados sobre sua

autodenominação [...]. Xoklen significa taipa de pedra, da mesma maneira que Xokleng.

Com relação aos Xokleng em Santa Catarina, eles eram inicialmente um povo nômade, percorriam desde o litoral até o planalto catarinense, onde praticavam a pesca, a caça e a coleta de raízes e frutas para poderem viver. Entre as comidas mais apreciadas entre os Xokleng estavam o mel e o pinhão. De acordo com Dagnoni (2008, p.53) “a fauna e a flora lhes oferecia tudo que precisavam, os animais através da caça, como antas, capivara, macacos, aves entre elas pássaros pequenos e grandes. Apreciavam muito o mel e o pinhão”. A caça era feita em pequenos grupos formados por membros da família, sendo a caça dividida entre todos do grupo. Sobre os hábitos de alimentação dos Xokleng, Souza (2008 p. 61) diz que:

Uma das tradições alimentares entre os Xokleng era o moqueado, que consistia em cavar um buraco e acender uma fogueira no seu interior. Depois de queimada a fogueira, enrolava-se a carne com folhas, colocavam-na no buraco e o cobriam com terra. A carne só era retirada do buraco um dia depois. Além de moquear a carne, os Xokleng tinham um costume de fazer um tipo de bebida fermentada tendo como base o mel, a água e o xaxim. Esse tipo de bebida só era preparado em momentos especiais da vida Xokleng, principalmente nas festas em que se furavam os lábios dos meninos para colocar o botoque e após os rituais de cremação, onde realizavam uma festa e cortavam o cabelo da viúva.

As casas dos Xokleng eram construídas de maneira simples, para se proteger do período de chuva ou no inverno, a não ser que precisassem ficar por um período mais longo naquele lugar. Souza (2008, p. 60) explica que quando isso acontecia, eles construíam “seus ranchos com mais perfeição e capricho, em maior tamanho, ligando as coberturas de dois ranchos fronteiros, de modo que as varas arcadas de

cada rancho não fiquem ligadas a uma vara horizontal, mas umas às outras, formando então uma abóboda perfeita”.

3 POVOAMENTO EM SANTA CATARINA

Com a chegada dos primeiros habitantes não índios em Santa Catarina, conflitos entre eles e os indígenas que residiam nas terras se iniciaram. O povoamento de Santa Catarina se deu pelo litoral. Mesmo com algumas investidas dos índios contra os novos ocupantes das terras, esses conseguiram afugentá-los para o interior de Santa Catarina, como Koch (2002, p. 80) explica, “os Kaingang rebeldes foram constrangidos à procura de outros sítios. Inclusive o planalto catarinense. Compelindo, por sua vez, os Xokleng, serra abaixo, para a região silvana”. Já a partir daquele momento, nota-se que os índios começavam a ter restrição no seu território, com a diminuição do seu espaço. Com o aumento do interesse da metrópole em povoar Santa Catarina, os problemas aumentaram para os indígenas, pois tendo o Governo interesse de ampliar o povoamento até o planalto, diminui assim, o terreno em que os indígenas poderiam ficar para poderem sobreviver do modo nômade que já viviam há muito tempo. Segundo Souza (2008, p. 97) “com a chegada dos imigrantes, primeiro açorianos, depois europeus, este espaço de mobilidade foi significativamente reduzido e a sua área de sobrevivência foi, aos poucos, sendo recortada, dificultando e alterando o modo de vida praticado”.

Sobre o povoamento dos não índios em Santa Catarina, Christóvão (2003) afirma que as povoações estabelecidas estavam voltadas para a metrópole, que queriam se estabelecer e manter bases para o domínio do sul, pois suas atenções estavam voltadas agora para a atividade pastoril desenvolvida no Rio Grande do Sul.

No sul do Brasil, o gado tomou novo valor e os paulistas logo procuraram

acorrer às terras do Rio Grande onde o gado vivia a solta, era só chegar e aprisionar. Em 1728, foi aberto caminho para o planalto catarinense chegando a Lages e daí Curitiba, por Francisco de Souza Faria, e dali para Sorocaba. Os campos de Lages, Curitiba, Curitiba e Guarapuava foram povoados em função desta nova atividade econômica e o próprio Rio Grande do Sul foi integrado à economia por esta atividade. O “caminho do gado” ou também denominado o “caminho das tropas”, pouco a pouco foi sendo povoado. (CHRISTOVÃO, 2003, p. 57).

Com esse novo interesse da metrópole em abrir caminho pelo planalto catarinense, e assim, melhorar o transporte de gado do Rio Grande do Sul para as outras cidades, foram reduzindo ainda mais os espaços dos indígenas que viviam em Santa Catarina. Já se nota desde lá a contratação de bugreiros para acabarem com os ataques dos indígenas. Segundo Koch (2002, p. 83), “conquanto destemidos, os tropeiros viam-se obrigados a contratar bugreiros: um grupo coeso e destemido de caboclos no afugentamento, combate e, por vezes, no extermínio de indígenas”. A contratação dos bugreiros deve-se ao fato de que os indígenas assaltavam os tropeiros, tirando-lhes pertences que tinham valor a eles, provocando assim, uma resposta violenta pelos tropeiros em busca de segurança.

Com a população do litoral e planalto aumentando, os Xokleng se deslocavam cada vez mais para as florestas subtropicais do Vale do Itajaí, onde haveria, na segunda metade do século XIX, uma onda migratória muito grande e as mudanças na vida do povo Xokleng se tornaram cada vez mais marcantes, traçando um capítulo triste na historiografia catarinense.

4 POVOAMENTO NO VALE DO ITAJAÍ E OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS XOKLENG

Em meados do século XIX, um grande

número de imigrantes começa a chegar ao sul do Brasil. Eram pessoas vindas inicialmente da Alemanha e da Itália, que devido a problemas que aconteciam na Europa, viram no Brasil um recomeço, conforme DAGNONI (2012):

Sabe-se que as pessoas emigravam por falta de oportunidade econômica em sua terra natal, quando as corporações de ofício já representavam um gargalo muito estreito para absorver a superpopulação da época. Por outro lado, a indústria nascente também desalojava os artesãos tradicionais, deixando-os sem trabalho. Na América, o que se esperava, era ter terra própria e realizar seu ideal de liberdade política, religiosa e de iniciativa.

Havia também, o interesse brasileiro na vinda dos imigrantes ao Brasil. Com a abolição da escravidão, o governo brasileiro precisava substituir a mão de obra dos escravos, e desse modo, os imigrantes substituíam o trabalho que os escravos faziam nas plantações, além de que, a vinda deles para o Brasil poderia branquear a população brasileira. Sobre o interesse brasileiro na vinda dos imigrantes para o Brasil, Souza (2008, p. 88-89) explica que:

Do lado brasileiro, havia o interesse do Governo em atrair trabalhadores europeus para o país. Dependendo da região para onde o imigrante era atraído, predominava um determinado interesse: no Centro-Sul do país, os trabalhadores europeus foram trazidos para substituir a mão de obra escrava; já no Sul o interesse era desenvolver a pequena propriedade agrícola e povoar a região, considerada despovoada pelo Governo brasileiro. A preocupação com a ocupação efetiva das terras situadas na fronteira do Sul do Brasil já mobilizava as autoridades coloniais desde o século XVIII. As frequentes guerras contra os espanhóis alertaram o Governo Provincial dos perigos da falta de um povoamento mais denso e regular nas áreas de fronteira.

Antes, a população catarinense localizava-se em maior número no litoral e

no planalto catarinense, mas logo depois, com essas medidas do governo brasileiro da época, se estendeu até o Vale do Itajaí. O povoamento entre o litoral e o planalto foi estratégico por parte do Governo, no sentido de que queriam também “fixar nas Províncias do Sul núcleos de pequenos proprietários livres, baseados na mão de obra familiar, que garantissem não só o povoamento da região, mas que, também, abrissem vias de comunicação entre o Planalto e a capital, Desterro”. (SOUZA, 2008, p. 89).

Logo, áreas do Vale do Itajaí começaram a ser povoadas pelos imigrantes, sendo distribuídos para eles lotes de terra, algumas ferramentas e um pouco de dinheiro para começarem as plantações, construir suas casas e poderem sobreviver na terra.

As famílias então se instalavam a cada 250 ou 300 metros de distância umas das outras, aproximadamente. Nesse novo ambiente, os imigrantes europeus tiveram que sofrer adaptações, seja quanto às práticas cotidianas de sobrevivência física (alimentação, saúde, etc.) que distinguem áreas de clima subtropical daquela de clima temperado e frio. (DAGNONI, 2012).

Os imigrantes que vieram para a Província do Sul foram trazidos pelas companhias de colonização, que faziam propagandas na Europa para que as pessoas viessem para o Brasil, fazendo promessas de uma vida melhor, já que nos seus países de origem havia diversos problemas, já citados anteriormente. Uma dessas companhias foi a Cia Hamburguesa de Colonização, “responsável pela introdução de imigrantes em Blumenau e Joinville” (DAGNONI, 2012).

No entanto, no momento que chegavam aqui, os imigrantes encontraram lotes de terra umas distantes das outras, tendo só mata nativa no terreno e com poucas ferramentas para poderem construir suas casas e começar uma plantação. Mesmo assim, se adaptaram e a população foi aumentando fazendo com que o conflito

com os indígenas que viviam nessas terras se tornasse inevitável.

A principal queixa dos colonos eram as invasões indígenas nas suas residências. Eram pequenos grupos de índios que invadiam as casas, roubavam-lhe ferramentas, comidas e roupas que achassem serem importantes e por vezes nessas invasões, ocorriam mortes de ambos os lados. Antes dos imigrantes se estabelecerem nas terras do Vale do Itajaí, o governo sabia da existência de indígenas na região. Porém não deu importância a esse fato. Sobre esse assunto Christóvão (2003, p. 66) diz:

O governo e as autoridades sabiam da presença dos indígenas na região. Sabiam que de vez em quando faziam assaltos e trucidavam uma tropa, ou algum viajante ou morador da orla da floresta. Mas não se preocupavam tanto, pois raciocinavam que o índio se afastaria pacificamente na medida em que o branco fosse construindo vilas e plantando roças no sertão.

Porém, não foi o que aconteceu. O ataque dos indígenas se tornava cada vez mais frequente contra os colonos na medida em que o contingente de pessoas aumentava. Segundo Souza (2008, p. 97),

A negação, por parte do Governo, da presença destas populações, construía um falso vazio demográfico a ser preenchido pelos imigrantes. Este desconhecimento ou negligência acarretaria em dramáticos conflitos, entre os habitantes locais e os novos moradores, em disputas pela posse e usufruto das terras.

Muitos colonos estavam abandonando as suas terras por medo dos ataques indígenas. As autoridades locais tomaram uma medida extrema para acabar com os problemas dos ataques dos Xokleng. Surgiu novamente a figura do bugreiro. Koch (2002, p. 102-108) separa em três fases de comportamento as reações dos colonos com relação aos

Xokleng: a fase de perplexidade, quando os colonos ficam admirados e assustados com as histórias de ataques dos indígenas e o modo como eles matavam as pessoas. A fase de reação improvisada, em que os colonos se armavam e em vista de algum ataque de índios iam com arma em punho atrás deles. A fase de reação organizada onde os colonos pediam ao presidente da Província que pudessem contratar bugreiros e eliminar os problemas das invasões dos Xokleng.

Apesar da história da caçada e das mortes dos Xokleng se assemelhar com a história dos indígenas do Brasil, havia uma particularidade no que se referia ao motivo que levou a morte de tantos índios. Sobre esses motivos, Koch (2002, p. 98-99, grifo do autor) diz que “o que ocorreu no Sul, da parte dos eurocolonos, foi a defesa incondicional de suas terras, de seus bens materiais e, sobretudo, das vidas de seus familiares”. Com relação aos indígenas brasileiros num contexto geral, a figura do bandeirante não se fez presente com o povo Xokleng, que matavam ou aprisionavam os indígenas para vendê-los como escravos.

4.1 AS INVASÕES INDÍGENAS

Com o aumento de imigrantes vindos para o Vale do Itajaí, o encontro entre brancos e índios se tornou inevitável. Os imigrantes vinham para a nova terra em busca de vida nova, um lugar onde pudessem trabalhar e prosperar. Porém, isso afetou a vida dos Xokleng. Logo de início houve a observação de ambos, afinal eram povos diferentes entre si, sua cultura e seu modo de vida. Os índios começaram a invadir as casas que surgiam nas suas terras e isso começou a causar espanto na nova população que estava vivendo no Vale do Itajaí. Muitos colonos fugiam para outro lugar com medo dos índios, e isso começou a se tornar um problema para as autoridades locais. Sobre isso Wittmann (2012) diz que o interesse estava no progresso da região,

através do desenvolvimento das colônias, e na proteção aos imigrantes. Para alcançar este objetivo, acreditavam ser fundamental resolver o que chamavam de “problema dos bugres”.

Não havia uma preocupação das autoridades sobre como os imigrantes estavam afetando a vida dos Xokleng, mas como eles estavam reagindo a isso, causando transtorno dentro das colônias. O medo que existia entre os colonos sobre os índios faziam com que eles tomassem medidas para afastar o problema dos ataques dos Xokleng. Logo de início eles se armaram para evitar os ataques indígenas. Nesse confronto saíam mortos de ambos os lados. Havia um senso comum na colônia de que o índio quando atacava, ele agia da maneira mais violenta possível, porém de acordo com Deeke (1995, p. 234 apud WITTMANN, 2012), “cerca de quarenta brancos perderam a vida através de flecha desde o início da colonização do Vale do Itajaí. É difícil constatar se era ou não objetivo indígena matar os brancos. Todavia a tensão colocada incitou esta atitude de ambos os lados”.

Um dos maiores interesses dos Xokleng quando invadiam as casas dos colonos eram as ferramentas, pois lhe permitia realizar coisas novas com os materiais roubados, sendo que esses materiais não podiam ser encontrados do mesmo modo na natureza. Sobre esse assunto Wittmann (2012) diz:

Os assaltos praticados pelos índios, aparentemente irracionais, estavam relacionados à colonização, aos seus prejuízos e descobertas. O que os excertos citados sugerem é que, além dos tecidos e utensílios domésticos, eram as ferramentas os maiores interesses dos Xokleng.

Os colonos não entendiam as investidas dos indígenas, e viam neles seres selvagens e incivilizáveis. Conforme Wittmann (2012) muitos escritos que chegavam as autoridades

da época viam os Xokleng como seres que não podiam conviver pacificamente com os colonos. As noções dos índios como ferozes, incivilizáveis e inúteis, e dos imigrantes enquanto pacíficos e civilizados trabalhadores que impulsionavam o país, parecem com certa frequência nos escritos advindos do palácio do governo catarinense.

Não vendo alternativa para o problema com os índios, toma-se a decisão da contratação de bugreiros. Conhecedores das matas e dos costumes indígenas, eles adentravam na mata em busca dos índios. Segundo Wittmann (2012), “a justificativa geral da necessidade dos serviços dos bugreiros estava pautada na ausência de forças públicas nas regiões ameaçadas”.

Um dos mais conhecidos bugreiros era Martinho Marcelino de Jesus, ou Martin Bugreiro. Ele estudava os costumes dos Xokleng, em como chegar perto sem ser observado, descobrindo os pontos fortes e fracos dos Xokleng. Sobre isso Athanásio (1984, p. 267 apud WITTMANN, 2012) fala que “Martin costumava observar os indígenas, seus costumes, seu modo de vida, suas formas de ataque. Desvendou seus truques para esconder-se e aprendeu a distinguir os indícios deixados na mata para localizá-los sem ser pressentido, tarefa deveras difícil”.

Ainda sobre as táticas usadas pelos bugreiros na captura dos índios, Deeke (1995, p. 237 apud WITTMANN, 2012) traz o seguinte relato de Martin:

Em seguida derrubo o arsenal e inicio uma grande gritaria, disparando ao mesmo tempo minha pistola. Este é o sinal para que minha gente comece a disparar e gritar avançando. Sobressaltados com tão terrível pandemônio, os índios acordam de seu sono mais profundo, pulam correndo para o rancho das armas, que encontram tomado, então abandonam tudo e fogem, tão celeremente quanto possível, para a escuridão da floresta.

Desse modo, muitas vidas foram tomadas pelos bugreiros, provocando assim o quase extermínio do povo Xokleng. Santos (apud WITTMANN, 2012) afirma “que cerca de 2/3 da população Xokleng foi morta a partir do início da colonização”. Assim, pode-se notar a dimensão da tragédia que acometeu os Xokleng, pois o saldo de colonos mortos por eles em meio século de colonização, não se equipara na quantidade de Xokleng mortos pelos bugreiros.

Nem todos concordavam com as atrocidades que estavam ocorrendo com os indígenas e entre eles estavam o Dr. Hugo Gensch. Ele acreditava que a adoção de índios poderia fazer com que perdessem o caráter “selvagem” e pudessem pacificamente viver entre os colonos. É evidente que ele via no índio um ser inferior, desprezando assim a sua cultura. Sobre a inferiorização do índio, Wittmann (2012) afirma:

Os diferentes grupos indígenas não eram reconhecidos pela sua etnia, mas pela generalização que apaga o sujeito índio enquanto pertencente a culturas distintas. O “outro” é reconhecido apenas em oposição a quem constrói o argumento. As representações dicotômicas, que desqualificam uma das partes, estão consideravelmente presente nas fontes pesquisadas.

Ainda se referindo a Gensch, mesmo desconsiderando a importância da cultura indígena, ele acreditava que o extermínio não era a melhor opção para acabar com o problema das invasões dos Xokleng. É claro que a matança não era o objetivo claro, o que os bugreiros deviam fazer era caçar e aprisionar os indígenas, mas era de conhecimento de todos que isso não era o que acontecia. Wittmann diz com relação à Gensch em sua solução de acabar com o problema dos índios:

No discurso de Hugo Gensch, os índios também aparecem como selvagens. Todavia, está presente em suas ideias

a crença na mudança, ou seja, na possibilidade de chegada dos índios à civilização [...] Para Gensch seria possível, através das adoções, isto é, dos processos de socialização que operariam no interior da família nuclear burguesa, transformar um “selvagem” em “civilizado”.

Ele afirmava que o índio podia se tornar um ser “civilizado”, citando sua experiência com a Índia Korikrã, depois chamada de Maria Gensch. Apesar das ideias de Hugo Gensch, pouco efetivamente foi feito para acabar com a matança dos Xokleng, tendo esse problema se estendido até a pacificação dos indígenas feito por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, funcionário do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). Nesse sentido Christóvão (2003, p. 69) relata:

Em 1914, com a missão de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, voltada para a ‘pacificação’ dos índios da região, os Xokleng foram confinados ao Posto Indígena ‘Duque de Caxias’ e tornaram-se sedentários e foi a situação em que viveram até a década de 80 e início da década de 90, quando foram transferidos para outra área graças à construção da Barragem Norte no território habitado por eles.

Num primeiro momento foi feito a pacificação dos índios. Hoerhan fora contratado pelo SPI para se aproximar dos indígenas e logo em seguida fixá-los em algum lugar. De acordo com Koch (2002, p. 200):

Obviamente, não bastava apaziguar as hostilidades dos botocudos. Impunha-se, num segundo momento, passar da pacificação para a *domesticação*. Processo que significava, no caso, tirar os índios de sua vagueante vida silvícola, com suas paradas em primitivos abrigos e ranchos de habitação coletiva –, para a vida doméstica (do lat. “domus”, casa), isto é, para a residência caseira, mais sedentária e familiar, e ligada ao cultivo agrícola ou a ocupações outras.

Esse processo teve suas dificuldades,

pois os indígenas não estavam acostumados àquele tipo de vida como também não confiava plenamente em Hoerhan, tendo ele, outras dificuldades como a falta de recursos vindos do SPI e as doenças que os Xokleng eram acometidos. Segundo DAGNONI (2012) “o contato do branco com o índio resulta em grande tragédia, primeiro o extermínio por parte dos bugreiros, depois as doenças levando a uma situação lastimável. Este foi resultado do choque entre dois mundos”.

Em nenhum momento houve a preocupação por parte dos órgãos responsáveis com a preservação da cultura indígena. Não tinham respeito pelas suas tradições, costumes, tendo quase que completamente perdido, devido ao processo de aculturação dos costumes do branco pelo índio. DAGNONI (2012) faz referência a uma entrevista de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan ao Jornal do Brasil em 1976 sobre sua atuação com os Xokleng. Nesse sentido ele diz:

Pequei ao pacificar os índios do Vale do Itajaí. Contribui para a sua extinção. E o pior é que todos ainda cometem este pecado, inclusive a FUNAI que teima em civilizá-los quando deveria dar-lhes o direito de viver de acordo com a sua propensão natural. Mas se eu não os pacificasse, os imigrantes se encarregariam de exterminá-los. O SPI (Serviço de Proteção ao Índio) não podia protegê-los, pois vivia num regime de miséria absoluta, como vive hoje a FUNAI, que ainda sofre com a ausência de estrutura. A solução foi enfrentar as flechas que raspavam meu corpo quando navegava pelo rio Plate, em busca de diálogo com o cacique Kam-Rém. Hoje o governo tem condições de protegê-los e de permitir que vivam como desejarem. Só que não o faz. O índio pacificado é destituído de tudo.

No fim desse processo, o índio tem sua vida modificada, transformada em favor dos interesses do branco, restando viver da melhor maneira que eles puderem. Atualmente, vivem na TI – Terra Indígena

Ibirama, reserva antigamente chamada Duque de Caxias.

A TI Ibirama está situada ao longo dos rios Hercílio (antigo Itajaí do Norte) e Plate, que moldam um dos vales formadores da bacia do rio Itajaí-açu, e está a cerca de 260 km a noroeste de Florianópolis e 100 a oeste de Blumenau. Localizada em quatro municípios catarinenses, cerca de 70% da área está dentro dos limites dos municípios José Boiteux e Doutor Pedrinho. Essa TI inicialmente denominada Posto Indígena Duque de Caxias, foi criada pelo chefe do governo catarinense, Adolfo Konder, em 1926, que destinou aos Xokleng uma área de 20.000 hectares. Em 1965 foi oficialmente demarcada e em 1975 recebeu o nome de Ibirama

5 MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica. Foram feitas leituras em livros que tinham como o tema o Xokleng, o imigrante vindo da Europa e que se fixou no Vale do Itajaí e como se sucederam os primeiros contatos desses imigrantes (colonos) com os indígenas.

Durante a pesquisa bibliográfica, foi visto mais sobre os Xokleng: quais eram seus hábitos e costumes, de que modo eles viviam e que porção de terras eles habitavam, buscando entender de que maneira os imigrantes interferiram no modo de vida dos Xokleng. Também foram feitas leituras acerca dos imigrantes que vieram para o Vale do Itajaí: de que região da Europa eles vinham, quais os motivos que levaram esses imigrantes a fixarem residência nessa região e os motivos que levaram esses imigrantes a entrarem em conflito com os Xokleng.

Visto isso, foi pesquisado também sobre as consequências desse choque de culturas entre os imigrantes e os Xokleng, buscando entender o que levaram ambas as partes a entrarem em conflitos, quanto tempo durou

essa situação conflitante dos imigrantes com os Xokleng e como tudo isso terminou ou se ainda perdura esse conflito.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na pesquisa bibliográfica, se pode constatar que os primeiros contatos dos imigrantes europeus e dos Xokleng não aconteceu bem. A diferença de culturas e a ocupação das terras – especificamente no Vale do Itajaí – pelos imigrantes europeus deram início a um conflito, que ficou marcado como um capítulo triste na historiografia catarinense no que diz respeito à colonização europeia em Santa Catarina e os indígenas que residiam nessas terras.

Os imigrantes fixaram residência nas terras dos Xokleng, o que causou interferência no modo de vida desse povo, já que eles eram nômades, caçavam e colhiam para sobreviver, e para poderem viver nesse modo de vida, necessitavam de grandes porções de terra. Com a vinda dos imigrantes para o Vale do Itajaí, ocorreram profundas mudanças na vida dos Xokleng, sendo ainda mais percebido na segunda metade do século XIX, quando o contingente de imigrantes vindos para a nova terra aumentou exponencialmente, diminuindo assim o território dos Xokleng, tornando assim o confronto entre eles inevitável.

Os Xokleng invadiam as casas dos colonos roubando coisas que eles poderiam usar como ferramentas (facões, machados), roupas e comidas. Durante essas invasões, havia conflitos entre os imigrantes e os Xokleng, onde saíam mortos de ambos os lados. Os imigrantes temiam os ataques dos indígenas nas suas casas, pois havia histórias de mortes causadas pelos indígenas durante as invasões nas residências, onde eles matavam as pessoas de modo brutal, e por isso, muitos imigrantes abandonavam suas terras, outros se armavam para defender os seus pertences e alguns contratavam bugreiros, que eram

pessoas que sabiam caçar e prender índios, porém durante essas caçadas havia muita morte de índios o que causou a redução dos Xokleng.

Vendo que essa matança dos indígenas estava saindo do controle, houve um movimento durante a primeira metade do século XX para acabar com essa situação. Para isso foi criado uma reserva para os indígenas ficarem, situação em que permanecem até os dias de hoje. Porém, os problemas dos Xokleng não acabaram. Além de seu modo de vida ter sido alterado (passaram a ser sedentários), o choque de culturas entre imigrantes e Xokleng fez com que a cultura dos índios fosse quase perdida, pois houve um processo de aculturação, onde o modo de vida do branco foi apoderado pelos Xokleng ou no caso em que alguns índios mudavam para a cidade em busca de melhores condições de vida.

A reserva que foi destinada para os Xokleng, foi diminuída de tamanho com a construção da barragem norte, onde foi alagada boa parte das terras férteis para plantação da reserva. Até hoje, os índios lutam na justiça para que ampliem as terras na reserva, porém nada ainda ficou decidido. Assim, a história do povo Xokleng não é muito diferente da história dos índios no Brasil, quando sua cultura, seus costumes, suas tradições são suprimidas pelas forças do homem branco.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho foi visto como era a situação do povo Xokleng antes e depois da colonização no Vale do Itajaí. Como era a vida desses indígenas antes da vinda dos imigrantes e como ficou depois que se estabeleceram nessas terras. Como visto no trabalho, esse contato do branco com o indígena foi de estranheza e de desconfiança: eram culturas e costumes diferentes entre eles. Um vivia de maneira nômade, usando o que a natureza tinha

para oferecer como forma de se sustentar, ou seja, caçava, pescava, coletava. Como não possuíam residência fixa, fixavam-se em qualquer lugar na mata que achasse conveniente, quer seja porque esse lugar tinha fartura de alimentos ou para realizar algum ritual de sua tradição. Os Xokleng usavam como roupa apenas tecidos feitos de maneira grosseira para tampar as suas partes. Esse era o seu modo de vida, seus costumes e seu hábito. Diferente do branco que chegara do sul. Esse que construía casas e desmatava a mata ao seu redor para cultivar a sua lavoura, criar seus animais. Trouxeram ferramentas que os indígenas nunca viram, costumes, modo de vida totalmente diferente do povo Xokleng.

A quantidade de imigrantes que vieram para o Vale do Itajaí foi aumentando a tal ponto que se tornou inevitável o contato entre o Xokleng e o colono que morava na nova terra. O índio invadia as residências dos colonos em busca de materiais que lhes fossem de utilidades como roupas e ferramentas. Como já citado anteriormente, esses objetos tinham grande importância para os indígenas pela novidade que isso representava para eles. Por outro lado, o colono não tinha tal impressão, afinal eles trabalhavam muito para conseguirem manter suas vidas e ter as coisas que tinham. Também se pode observar entre os motivos que os colonos rejeitavam a presença do indígena se deve pelo fato de que não os conhecia, era diferente de tudo que conhecia, e via nele uma figura inferior a sua. Se o indígena tinha a mesma impressão do homem branco não se tem certeza, o fato é que pela falta de conhecimento entre os dois causou um medo entre ambos e acabando esse contato entre os dois numa fatalidade. O colono vendo o índio roubar seus pertences reagia com violência, atirando nos indígenas que por sua vez, atacava com flechas ocasionando assim mortes de ambas as partes.

Muitos colonos receosos com os ataques

e a violência que muitos jornais e a própria população disseminavam entre as colônias fez com que muitos colonos saíssem das novas terras, temendo por suas vidas. O governo vendo que seus interesses em prosperar as colônias iam acabando com a saída dos imigrantes na nova terra, tomou uma atitude, que de certa forma foi errônea: a contratação de bugreiros. Esses bugreiros, também conhecidos como batedores do mato, tinham como objetivo caçar e aprisionar os indígenas. Eles conheciam os hábitos do povo Xokleng e com esse conhecimento conseguiram atacar vários grupos de índios. Só que o que era uma captura se tornou uma chacina: centenas de índios foram mortos durante essas capturas. Eles traziam poucos índios dessas caçadas, das quais alguns eram adotados por famílias alemãs.

Entre os colonos era de conhecimento de todos que os bugreiros matavam mais do que aprisionavam os indígenas, porém muitos não se importavam com o que lhes acontecia. Mas, pessoas como Dr. Hugo Gensch, trabalhavam e muito para que esse tipo de atrocidades com os indígenas acabasse. Ele afirmava que o indígena podia se tornar um ser “civilizável”, tendo com experiência a índia que ele havia adotado junto com a sua esposa.

Apesar das boas intenções do Dr. Hugo Gensch, ele desprezava o modo de vida dos Xokleng, pois quando afirma que o índio pode se tornar “civilizável”, afirma também que o índio é um ser primitivo, que seu modo de vida é errado e precisa ser melhorado, não respeitando assim, a cultura do povo Xokleng.

Apesar dos esforços do Dr. Gensch em acabar com as mortes dos índios pelos bugreiros, ele não teve muito sucesso, tendo as mortes dos Xokleng pelos bugreiros acabado somente com a “pacificação” do índio, trabalho feito por Eduardo de Lima e Silva Hoerhan. Depois desse contato com

Hoerhan, os índios se tornaram sedentários, residindo atualmente na reserva indígena TI Ibirama, antes chamada Duque de Caxias, tendo agora que plantar seus cultivos para sobreviver.

Desde o começo da “pacificação” dos Xokleng, muitos problemas surgiram para os índios. Não só tiveram que se adaptar a um novo estilo de vida como os contatos dos Xokleng com os brancos deixaram um saldo de mortes muito grande devido às doenças, das quais os corpos dos índios não estavam acostumados. O órgão que deveria auxiliá-los, mal tinha recursos para comprar os remédios, sem contar que com a criação da Barragem Norte, onde parte das terras cultiváveis dos índios foi inutilizada, já que ficaram submersas. Os Xokleng perderam muito com o contato com os brancos: suas terras, sua cultura, seu modo de vida, sendo sua história não muito diferente dos povos indígenas do Brasil e algo que deveria se fazer presente quando se fala da imigração no Vale do Itajaí, seria contar às novas gerações as histórias desse povo, que fez e faz parte da história de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

BRANCHER, Ana; AREND, Silvia Maria Fávero. **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: UFSC, 2001.

DAGNONI, Cátia. **O choque entre dois mundos**. O contato entre o índio e o branco na colonização do Vale do Itajaí. Um estudo sobre interpretação do imigrante europeu a respeito dos Xokleng 1850-1914. 2008. 144f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional – PPGDR, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2008. Disponível em: <[http:// proxy.furb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=522](http://proxy.furb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=522)>. Acesso em: 5 maio 2012.

CHRISTÓVÃO, Mariani Balland.

Espiritualidade indígena nas florestas subtropicais do Vale do Itajaí. 2003. 240f. Tese de Doutorado – em engenharia de Produção e sistemas – mídias e Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

KOCH, Dorvalino Eloy. **Tragédias euro-xokleng e contexto**. Brusque: do autor, 2002.

SOUZA, Evandro André de. **Casa azul: história e desenvolvimento de uma comunidade no Vale do Itajaí**. Indaial: ASSELVI, 2008.

WITTMANN, Luísa Tombini. **Atos do contato: história do povo indígena Xokleng no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)**. 2005. 208f. Dissertação (Mestrado em história) – Instituto de Filosofia e Ciências humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000344012>>. Acesso em: 5 maio 2012.

_____. **Povos indígenas do Brasil**. Disponível em: <[http:// pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/974](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/xokleng/974)>. Acesso em: 5 maio 2012.

